

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NECROLÓGIO. ABADE DE BAÇAL.

(sem indicação de autor)

Ano: 1947 | Número: 57

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Necrológio. Abade de Baçal. *Revista de Guimarães*, 57 (3-4) Jul.-Dez. 1947, p. 117-119.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

ABADE DE BAÇAL



A 13 de Novembro último, em pleno desprender de folhas mortas de um calmo fim de Outono, faleceu, contando 82 anos útilmente vividos, o insigne Abade de Baçal. Perda irreparável para os cultores das antiguidades nacionais, que das sábias lições deste erudito Mestre tamanho proveito colhiam! A sua vida exemplar foi inteiramente orientada dentro de um espírito de bondade cristã e de beleza moral; intelectualmente,

cedível devoção ao estudo do povo e da terra portuguesa, que ele tanto amou e tão bem soube servir.

A Obra literária e científica que nos legou é um tesouro riquíssimo de materiais de estudo, uma seara extensa e fecunda onde os investigadores podem fruir larga colheita de pão do espírito! A sua tenacidade no estudo e ânsia de conhecimentos, o seu entusiasmo no desvendar do passado, só podemos compará-lo à paixão dominadora que, de igual modo, absorveu inteiramente o pensamento, a vida superior de outro homem sábio, o Doutor Leite de Vasconcelos, a cuja Obra grandiosa devemos também muito do que hoje se conhece sobre as nossas origens ante-históricas.

Como a Obra do Prof. Leite de Vasconcelos, a do Padre Francisco Manuel Alves, o doutíssimo Abade de

Baçal, é um monumento formidável de erudição, de sólidos conhecimentos nos variados domínios da ciência do passado — na etnologia, na etnografia, na pré-história, no folclore, nas velhas usanças e tradições, na epigrafia, na arte popular, etc. De tudo isso existe extraordinária quantidade de informes, notícias e ensinamentos, nas páginas magistrais que nos deixou.

Humanista profundo, conhecedor seguro dos clássicos gregos e latinos, estava especialmente preparado para realizar uma interpretação científica, um estudo honesto e sério acerca de quanto na nossa mais antiga história existe de autóctone, original e próprio, como de quanto, através dos velhos textos, das tradições remotas e dos documentos arqueológicos, os nossos antepassados receberam de civilizações estranhas à Península. Latinista exímio, paleógrafo e genealogista, dedicou também muitas das suas proveitosas horas de trabalho ao estudo da documentação histórica medieval, relativa à formação e desenvolvimento da nacionalidade portuguesa.

De entre os volumes, monografias e artigos numerosos que elaborou, destaca-se, sem dúvida, a série magnífica de tomos que constituem as *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, publicadas até ao tomo 10.º, deixando o 11.º no prelo. Trabalhando sempre, mas pressentindo já que a morte se aproximava e lhe não permitiria durar o tempo necessário para ver impressas muitas e muitas das suas páginas sobre tantos assuntos interessantes que uma vida larga e um estudo profundo dos homens e das coisas lhe tinham revelado, e que ele sentia a ânsia de transmitir aos vindouros — impacientava-se da morosidade com que estava decorrendo a composição e pressão desse tomo 11.º das *Memórias*, que, infelizmente, não teve a alegria de ver publicado.

Tanto se distinguiu e elevou este varão ilustre pela glória da sua Obra literária e científica, quanto se impôs igualmente à estima e respeito de todos os portugueses, pelo exemplo que deu de uma vida simples, modesta, austera e tranquilamente optimista, em contacto perene com a Natureza, que ele amava enternecidamente, não sob a ideia de um panteísmo materialista, mas como a Obra esplendente da Criação! Pode

dizer-se que o seu contacto com os animais, as aves do céu, as árvores, os campos, a límpida água das nascentes, as flores e os frutos da terra, foi para ele mais profundamente emotivo e aliciante do que as relações humanas, com seu pérfido e traiçoeiro cortejo de vaidades e glórias vãs. Vivia para tudo quanto era simples, amava tudo quanto era espontâneo e natural.

Desprezou as honrarias fúteis, mas, na sua casa rústica, recebeu sempre com deferência, carinho e bonomia aqueles que, por amizade, o visitavam, e, quantas vezes até com evangélica paciência alguns que o importunaram com entrevistas, desvendando indiscretamente, por mero desejo de banais sucessos jornalísticos, aspectos íntimos do seu viver modestíssimo e sóbrio.

Toda a vida deste homem forte, inteligente e bom, deste sacerdote irrepreensível e austero, cuja conversação era sempre alegre, bem humorada, por vezes jocosa, simples mas colorida de expressões típicas, rude mas franca, toda a vida deste sábio e camponês, que ocupava as horas do seu dia lendo ou escrevendo ao ar livre, à sombra de velhas árvores amigas, ou cultivando a terra, ou tratando as flores — foi um exemplo de bondade cristã, de renúncia aos bens materiais do mundo, de amor ao próximo e de benevolência para com todas as culpas e fraquezas humanas. Viveu e morreu como desejava, na terra humilde e recatada onde nascera, na sua querida aldeia transmontana de Baçal. Sem ambições mundanas e sem vaidades nem orgulho do muito que valia, foi um homem útil, probo e a seu modo feliz. Paz à sua alma, gratidão à sua Obra e honra à sua memória!